

NOMADISMOS: dos pastos ao asfalto

"A vida dos nômades é o triunfo verdadeiro da capacidade de invenção humana". (TOYNBEE)

A final, de quem estamos falando? Nômade! Quem é? Não é difícil encontrar em diversos estudos sobre migrações referências ao "nomadismo", ou a relações denominadas "semi-nômades". Em geral, utilizado sem preocupações conceituais, o termo refere-se a fenômenos de uma mobilidade territorial constante. Na linguagem coloquial, o tradicional grupo dos nômades das pastagens, social e culturalmente estável, confunde-se com qualquer outro grupo ou indivíduo de vida errante. O Nomadismo dos caboclos aparece tanto quanto o dito "nomadismo tendente" dos nordestinos.

De outro lado, há aqueles cientistas sociais "rigorosos" que conceituam o "nomadismo" como a etimologia ensina, exclusiva e definitivamente para os povos nômades com atividades pecuárias. O nomadismo é assim um modo de vida bem delimitado, com uma organização econômica, social e cultural claramente determinada, que nos tempos contemporâneos parece estar em decadência, ou até, em desaparecimento definitivo e irrecuperável. Ligam o nomadismo exclusivamente a uma região específica: uma faixa desértica do norte da África, do Oriente Médio e da Ásia, na qual os povos nômades circulam sob forte determinação do espaço físico construindo o seu modo cultural-ecológico.

Sabemos que noções e conceitos podem ser desrespeitados pelos escritores. Mas sofrem também alterações nos processos contraditórios das reestruturações sociais. Assim, o nomadismo que era apenas "atraso" e "em degeneração", está sendo redefinido e renasce em conceitos de novas "nomadologias".

A "imobilidade móvel" e a adaptação permanente às condições ecológicas, e mais ainda econômicas e políticas caracterizam o "novo nômade" na busca de alternativas territoriais para a sua sobrevivência. Chegando ao mundo do asfalto, o nomadismo perde como seu aspecto predominante o condicionamento físico-natural.

Nômades tradicionais e novos encontravam-se e encontram-se, ainda hoje, sempre no conflito com os sedentários. À medida em que a história é relida, enfatizando as passagens em que esses conflitos emergem com maior violência, cabe advertir para as permanentes ameaças do genocídio, tanto nos territórios brasileiros, quanto na dimensão mais longínqua e universal quando curdos morrem, mongóis são aniquilados e ciganos europeus sofrem agressões.

Visto pelos olhos tanto dos sedentários quanto dos próprios "novos nômades" e enfatizando as questões culturais e étnicas da migração, este número 27 da Travessia traz reflexões, às vezes polêmicas, sobre os "novos nomadismos". Trata-se de um fenômeno de uma grande multiplicidade empírica como as páginas seguintes comprovam: "trecheiros" e "pardais", cangaceiros e ciganos, nas poeiras do campo e no asfalto das cidades.

Heinz Dieter Heidemann